

## EROTISMO, SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E PSICANÁLISE<sup>1</sup>

*Maria Regina Maciel\**

### RESUMO

O artigo discute o erotismo hoje. Propõe um recorte das subjetividades contemporâneas em dois grupos (apáticos e compulsivos) e a partir daí examina a possibilidade de o uso do corpo ser considerado constitutivo do sujeito.

Palavras-chaves: erotismo; subjetividade contemporânea; uso do corpo; Winnicott.

### ABSTRACT

EROTICISM, CONTEMPORARY SOCIETY AND PSYCHOANALYSIS

*This article discusses eroticism today. It proposes a split of contemporary subjectivities in two groups (the apathetic and the compulsive), and then investigates the possibility that the use of the body may be considered a constituent part of the individual.*

*Keywords: eroticism; contemporary subjectivity; body usage; Winnicott.*

### INTRODUÇÃO

Como compreender o erotismo hoje? Será que foi reduzido à pornografia – na qual o objeto sexual é mais uma mercadoria a ser

---

\* Membro do Fórum do CPRJ e Professora Adjunta da UERJ.

consumida – ou, ao contrário, pode ser uma espécie de foco de resistência frente à intolerância crescente de nossa sociedade narcisista?

Primeiramente, escolheremos delimitar uma possível definição do termo, a partir de dois autores clássicos no assunto: Bataille (1987) e Paz (1994). A seguir, contextualizaremos o tema, tomando como referência o que disse Sennett (1988). Por fim, diante da constatação de que o erotismo no mundo atual corre o risco de perder seu potencial criativo e transformador, enfocaremos a psicanálise. Quem sabe ela possa ser um dispositivo, entre outros, que colabore numa utilização do corpo construtora do sujeito?

## O QUE É O EROTISMO?

Quando estamos diante de uma obra erótica, é difícil não nos sentirmos perturbados. Afinal, o erotismo aciona outros temas, como violência, perda de si, animalidade, dor com prazer... Algo nele vai contra o pacto social. Como já sugeria Bataille (1987), o erotismo mexe com o ser. Nas suas palavras: “O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que, nele, põe o ser em questão” (Bataille, 1987: 21).

Para Bataille, se, por um lado, a atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexualizados e aos homens, por outro lado, só estes últimos fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica. Essa atividade supõe tanto uma violência elementar, que anima quaisquer que sejam os seus movimentos, quanto uma consciência da morte (ausente nos animais).

É no movimento dos interditos que o homem se separa do animal. Ele tenta escapar ao jogo excessivo da morte e da reprodução, em cujo poder o animal está sem restrição. Ou seja, o erotismo nasce da sexualidade interdita. No entanto, é no movimento secundário da transgressão (presente também no erotismo) que o homem se aproxima outra vez do animal. Ou seja, no erotismo participam dois elementos concomitantes: interdição e transgressão. Bataille

expressa bem isto quando afirma: “o erotismo é, de forma geral, infração à regra dos interditos: é uma atividade humana. Mas, ainda que ele comece onde termina o animal, a animalidade não deixa de ser o seu fundamento” (Bataille, 1987: 21).

Para enfrentar a morte e mobilizado pela angústia que a consciência desta suscita, o homem cria o artifício da arte. Ele a cria por ter a consciência da morte, coisa que os animais, por viverem num estreito regime natural, não criam. Com a consciência da morte, o homem é condenado à tragédia.

Neste mundo trágico, nascem o êxtase e seus objetos. Entendemos, então, a partir das indicações acima colocadas, o êxtase, o erótico, o excesso como afirmações da vida, a partir dessa consciência da morte. O êxtase pertence à mesma categoria das atividades de livre gasto de energia, tal como o erotismo.

Sabemos também que o domínio erótico é aberto em nós por uma recusa da vontade de nos fecharmos em nós mesmos. No entanto, e por outro lado, no erotismo o *eu* se perde. Ou seja, ainda seguindo as indicações deixadas por Bataille, o sentido último do erotismo também não deixa de ser a fusão, a supressão dos limites. O autor entende o erotismo como busca da fusão com o objeto primário, característica da dissolução dos limites.

Outro autor que nos auxilia a pensar esse tema é Octavio Paz (1994). Segundo ele, o erotismo é a poesia do sexo. Isto porque, “embora as maneiras de relacionar-se sejam muitas, o ato sexual significa sempre a mesma coisa: reprodução. O erotismo é sexo em ação, mas, seja por desviá-la ou por negá-la, suspende a finalidade da função sexual” (Paz, 1994: 12).

O ato erótico, portanto, se desprende do ato sexual. Nas palavras de Paz, ele “é sexo e é outra coisa” (Paz, 1994: 14). Assim, “o erotismo é invenção, variação incessante; enquanto que o sexo é sempre o mesmo” (Paz, 1994: 16). Em todo encontro erótico há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação, o desejo. Segundo Paz, existe uma ambigüidade no erotismo: é repressão e permis-

são, sublimação e perversão. “O erotismo é a sexualidade transfigurada pela imaginação humana” (Paz, 1994: 24).

Para Paz, a sexualidade torna possível o erotismo (chama vermelha) e o amor (chama azul). A poesia seria o modo por excelência para falar desta última chama. Paz acrescenta ainda que, enquanto a sexualidade é imutável – ou seja, ligada compulsivamente à reprodução –, o erotismo adquire uma variedade quase infinita de modalidades. Se o sexo é natureza, o erotismo é aquilo que torna possível integrar o sexo à civilização.

Ainda seguindo Paz, podemos tecer conexões entre amor/erotismo e a simbolização, a linguagem, a criatividade. O autor afirma, porém, que hoje “o erotismo transformou-se num departamento da indústria da publicidade e num ramo do comércio” (Paz, 1994: 144). É esta reflexão sobre erotismo, agora relacionada à sociedade contemporânea, que nos propomos a analisar a seguir.

## A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Relações entre erotismo e sociedade contemporânea narcisista e de consumo podem ser abordadas de diferentes ângulos. Vamos aqui privilegiar o que disse Sennett (1988), posto que, a partir de suas indicações, vemos o quanto nossa sociedade pode dificultar uma atividade erótica que suponha sujeitos criativos.

Sennett (1988) assinala o atual culto ao corpo como um fato narcisista, na medida em que torna a sexualidade atributo exclusivamente da pessoa. Ele afirma que:

nas últimas quatro gerações, o amor físico vem sendo redefinido, passando dos termos do erotismo para os termos da sexualidade. O erotismo vitoriano envolvia relacionamentos sociais, enquanto a sexualidade envolve a identidade pessoal. O erotismo significava a expressão sexual transpirada por meio de ações – de escolha, repressão, interação. A sexualidade não é uma ação, mas um estado no qual o ato físico do amor decorre quase como uma

conseqüência passiva, como um resultado natural do sentimento de intimidade entre duas pessoas (Sennett, 1988: 19).

Além disso, ele acrescenta que “a sexualidade é um estado expressivo, ao invés de um ato expressivo. [...] Tudo quanto experimentamos toca necessariamente a nossa sexualidade, mas a sexualidade é” (Sennett, 1988: 20).

Há aí, segundo ele, um declínio da imaginação “metafórica” do corpo e um empobrecimento da atividade criadora de símbolos a partir de uma coisa física. Esse culto ao corpo seria uma das razões pelas quais, à medida que uma sociedade passa do erotismo (atividade que une uns aos outros, faz laços, envolve relações sociais) à sexualidade (que aqui diz respeito, antes de tudo, a um prazer corporal individual), forças psicológicas destrutivas são trazidas à tona. Nas suas palavras: “é um sinal da destrutividade desencadeada quando uma sociedade nega até mesmo a Eros uma dimensão pública” (Sennett, 1988: 22).

Ao se referir ao fim da cultura pública e à crescente política da personalidade que gera um voltar-se para dentro de si, Sennett afirma que o eu “é despojado da expressão de certos poderes criativos que todos os seres humanos possuem potencialmente – poderes de jogo – mas que requerem um ambiente à distância do eu para sua realização. Assim sendo, a sociedade intimista faz do indivíduo um ator privado de sua arte” (Sennett, 1988: 323).

Vale lembrar que Sennett entende por jogo aquilo que

prepara as crianças para a experiência da representação, ensinando-as a tratarem as convenções de comportamento como críveis. As convenções são regras para o comportamento à distância dos desejos imediatos do eu. Quando as crianças aprenderem a acreditar em convenções, então estarão prontas a realizar uma obra qualitativa de expressão, explorando, transformando e refinando a qualidade dessas convenções (Sennett, 1988: 326).

Ao se debruçar sobre a sociedade moderna, na qual “as pessoas se tornaram atores sem arte” (Sennett, 1988: 382), Sennett nos leva

a fazer um confronto entre jogo e cultura adulta, na qual o “princípio psíquico que a governa é o narcisismo” (Sennett, 1988: 384). Para ele, o narcisismo enfraquece a capacidade de jogo que, por seu turno, é preparação para atividades criativas. Acrescenta que na região especial da brincadeira há uma distância em relação ao eu, uma vez que na brincadeira infantil a criança aprende o autodistanciamento que a auxilia a operar dentro das regras, bem como a se afastar do desejo imediato ou de gratificações instantâneas. O jogo, paulatinamente, possibilita que a criança perceba que as regras são convenções e que podem ser produzidas por elas mesmas. Por fim, as crianças se engajam em pactos mútuos.

O autor lembra, ainda, que nos dias de hoje, ao contrário dos de Freud, há uma “ausência de sentido em meio à atividade. A experiência de vazio, da incapacidade de sentir, não é facilmente acompanhada pelas noções mecânicas de repressão” (Sennett, 1988: 394) edípica. Esta constatação levou muitos psicanalistas a expandir as noções de narcisismo. Segundo Sennett, o mito de Narciso nos faz refletir sobre o “perigo da projeção, uma reação ao mundo como se a realidade pudesse ser compreendida através de imagens do eu” (Sennett, 1988: 395). E o apagamento da “linha divisória entre o eu e o outro significa que nada de novo, nada de ‘outro’ jamais adentra o eu” (Sennett, 1988: 395).

A partir das indicações deixadas por Sennett, podemos pensar que o erotismo – baseado, em certo sentido, na atividade de jogo – estaria em declínio numa cultura do narcisismo: esta o transforma em sexualidade, a ser consumida a partir da crescente objetivação do corpo. Podemos suspeitar que o erotismo, hoje, perdeu sua base criativa, é um erotismo não-transformador.

Estamos diante de ideais narcísicos de performance. Neste momento, perdemos o espelho no qual poderíamos nos olhar, o qual é substituído pelo culto da performance. Por isso, podemos afirmar que o problema vigente parece ser o do Eu, da representação que ele tem de si mesmo, do seu valor e das suas ligações com os outros.

Pesa sobre o Eu uma ameaça de desorganização. E, não tendo as bases narcisistas, a continência da família e dos ideais sociais, que poderiam servir de alicerce para sua organização, o Eu pode responder às questões eróticas da vida de forma defensiva. Tenderá, por exemplo, a manter distante o objeto erótico, reduzindo-o, quem sabe, à pornografia, na qual o objeto sexual é um produto que pode ser comprado.

### E A PSICANÁLISE?

Mesmo correndo o risco de uma simplificação que passa por cima das singularidades, pensamos ser possível fazer um recorte das subjetividades contemporâneas reunindo-as em dois grupos: os apáticos e os compulsivos.

Ao contrário dos melancólicos de Freud, que eram apaixonados, no sentido de fixados ao objeto, os depressivos de agora não parecem sê-lo. Por trás de sua apatia não parece haver ódio contido e sim um vazio de afeto, uma falta de contato, num mundo permeado pelo tédio e no qual uns se desvinculam dos outros.

Se quisermos ainda nos manter com os termos freudianos, teríamos que dizer, talvez, que o depressivo de hoje se caracterizaria fundamentalmente pela não expansão de Eros. No entanto, se seguirmos a concepção de Freud, segundo a qual há uma balança entre Eros e Thânatos, esta mesma e última afirmação demonstrará limites com relação à apatia, enquanto um certo estilo de ser característico da contemporaneidade. Afinal, segundo esta concepção (da balança energética), se Eros não se expande, a pulsão de morte fica solta e se manifesta em atos violentos e sem culpa (já que não haveria Eros para fazer com que a agressividade se transforme em culpa). No entanto, os atos violentos não são característicos da apatia.

A constatação de que hoje predomina a indiferença para com o outro pode vir a abalar a concepção de Freud, segundo a qual há uma dinâmica rígida entre Eros e Thânatos e, por isso, a existência inevitável do sentimento de culpa. Para entender esses tipos depres-

sivos de hoje, as formulações freudianas a partir da balança energética devem ser revistas. Nesse sentido, para pensar nos apáticos atuais (que estariam pouco erotizados, conforme sugerimos ao comentar a sua não-expansão de Eros), a teoria winnicotiana em muito pode nos servir.

Em Winnicott ([1958] 1983, [1965] 1994) o que nos leva a agir é uma força relacionada à continuidade da existência – e não pulsões relacionadas à destruição/ligação. Na obra desse autor, há um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito, no qual as disposições ambientais são inteiramente incluídas na capacidade de criar.

O essencial da teoria winnicotiana que nos interessa neste momento é apontar para o fato de que se o sujeito tiver a experiência de continuidade do sentimento de ser pode experimentar a não-integração inicial – no qual não se tem fronteiras delimitadas entre eu e não-eu – num movimento criativo. Se o sujeito não tiver essa experiência, devido à ameaça de invasão ou ao abandono, poderá ocorrer, por defesa, uma experiência de fechamento sobre si mesmo.

Vamos agora ao segundo tipo encontrado: os compulsivos. Podemos dizer que este sujeito, por seu turno e apesar de sua aparente agitação, está paralisado, gozando apenas com o que consome de forma compulsiva.

Diante de uma sociedade que está sempre oferecendo novos objetos de consumo e que parece saber que a pulsão não se satisfaz totalmente com nenhum desses objetos – posto que não há vínculo entre imperativo de gozo e conteúdos normativos privilegiados –, o sujeito passa da repressão do gozo para a sua estimulação. Isto é possível na medida em que estamos diante de uma nova ordem social. Como diz Safatle (2006), mudamos de uma sociedade da satisfação administrada para uma sociedade da insatisfação administrada. De um controle-repressão para um controle-estimulação.

São sujeitos que parecem se adaptar a esta situação da sociedade de consumo. Podem cair, então, sem muito sofrimento, no cinismo, próprio de quem reconhece o caráter descartável dos objetos de

consumo e se adapta a ele. Aqui reina a razão cínica, que é aquela da adesão aos códigos vigentes. Essa razão se adapta totalmente ao mercado, ao valor econômico de uma sociedade que estimula pouco a elaboração interior.

Não devemos deixar de ter em mente que, muitas vezes, os objetos de gozo ou objetos de consumo podem servir como fonte de qualidades experienciais que o sujeito necessita para manter a esperança de construir para si uma base existencial. Só com essa base pode o sujeito vir a desejar.

Tendo em vista o que foi afirmado acima, devemos levar em conta as insuficiências do outro materno e as deformações do eu que delas derivam. O uso do objeto, portanto, pode visar uma proteção subjetiva, espécie de envelope psíquico, contra as angústias de aniquilação.

No item anterior, o narcisismo foi entendido como uma certa “peste” da contemporaneidade na medida em que foi atribuído um caráter patológico ao indivíduo que se fecha sobre si mesmo. Neste momento, ao enfocar a psicanálise, devemos, contudo, atrelar este conceito a um momento de constituição do sujeito, o que exige um olhar mais “positivo” para a questão.

Freud ([1905] 1976, [1914] 1976) formula em seus textos que nos constituímos a partir do olhar de um outro que nos tem como um objeto de investimento erótico-agressivo. Afirma também que nosso encontro com o objeto é um reencontro. Segundo ele, o apaixonamento é uma tentativa de restituir a plenitude narcísica das relações primárias. O sujeito busca recuperar aquele estado de completude que foi experimentado no momento do narcisismo primário.

O narcisismo, para a psicanálise, se refere, portanto, a uma etapa necessária na constituição do sujeito. Nossa questão, contudo, é que a concepção presente nos textos freudianos pode nos induzir a pensar no caráter repetitivo das relações.

De uma outra perspectiva, Winnicott ([1958] 1983, [1965] 1994) enfatiza o caráter criativo do encontro com o outro. Neste

autor, cada encontro pode possibilitar o novo. Assim também os atos criativos e os gestos espontâneos podem levar à resolução da angústia, por intermédio do jogo e da brincadeira.

Winnicott ([1958] 1983, [1965] 1994) valoriza uma onipotência narcísica que é fundamental para a experiência de ilusão presente na brincadeira. O brincar está ligado a uma experiência ilusória que vai da onipotência ao jogo compartilhado. Não estamos aqui nos referindo a uma concepção tradicional de jogo, como tem Sennett (1988), que supõe regras e convenções. Em Winnicott, o *self* pode brincar sem ser invadido por regras. Pode haver aí uma comunicação anterior à comunicação por símbolos. Sua concepção de brincadeira supõe uma comunicação que remete à natureza do corpo, da sensibilidade, da poesia, do erotismo.

Entendemos que o “self” na teoria de Winnicott ([1958] 1983) – com sua referência à capacidade de estar só que resguarda um espaço privado na presença do outro – nos leva a pensar que o sujeito pode ser com o outro. Este autor nos diz que frente ao outro podemos estar em silêncio sem negá-lo. O *self* pode reconhecer a dependência sem negar sua autonomia. Ele não é objeto de investimento erótico-agressivo, bem como não é submisso. Ele é incomunicável e elemento dinâmico da cultura. Só quando o ambiente não é favorável é que se estabelecem padrões patológicos de repetição.

Referimo-nos a uma possibilidade de brincadeira erótica que antecede a instauração do espaço interno-espaço externo, brincadeira na qual as fronteiras são tênues. Esta brincadeira pode enriquecer o *self* que, por seu turno, pode vivenciar experiências criativas. Acreditamos, desta forma, que cabe à psicanálise tentar resgatar um erotismo criativo que confunde limites e linhas de demarcações.

Tentativas nesse sentido podem ser percebidas em alguns trabalhos recentes. É o caso do testemunho relatado no livro *A vida sexual de Catherine M.* e explorado no artigo de Bartucci (2005). Deste livro, vale lembrar que se transformou em sucesso de público. Segundo a *Revista Istoé* de 14/01/2002, ele virou o assunto das rodas parisienses<sup>2</sup>.

No texto de Bartucci (2005), encontramos as seguintes questões: em que medida o uso do corpo pode ser constitutivo do sujeito? Quem sabe, por meio do sexo, do uso e da manipulação de seu próprio corpo, existiria a possibilidade de instituir um lugar-outro de constituição de subjetividade?

Seguindo o artigo, a autora afirma que, numa época de tantas descontinuidades, o “uso” do corpo assim como o da escrita podem, na contemporaneidade, ser constitutivos do sujeito. Aí haveria a introdução de uma certa continuidade, por meio da experimentação da transgressão (própria do erotismo). Bartucci (2005), seguindo a análise do livro anteriormente citado, afirma que, apesar de ele ter sido classificado como “pornográfico”, ele é mais do que sexo. Afinal, a autora do livro, por meio deste, faz um percurso em relação a si própria. Ao contar ou testemunhar suas experiências eróticas, constrói um “lugar psíquico de constituição de subjetividade” (Bartucci, 2005: 42). Assim que, por meio do uso do corpo e da escrita, processos fundadores do sujeito vão se dando. Neste caso, o corpo pôde ser o suporte e instrumento privilegiado de uma experiência estética.

## CONCLUSÃO

Este artigo surgiu de algumas inquietações referentes ao tema do erotismo. Como compreendê-lo? Como é vivido hoje? Sabemos que este é um tema que abre um vasto campo de estudo. Como proceder nesta pesquisa?

Primeiramente queríamos dar um olhar contemporâneo ao assunto. Mas vimos que isto não era possível sem passar, primeiramente, por um certo esclarecimento da definição que estávamos dando a ele. Assim que, como eixo inicial de reflexão, resolvemos seguir o que dizem Battaille (1987) e Paz (1994), duas referências no tema.

Esclarecimentos feitos, passamos para a sua contextualização: a sociedade contemporânea. Tomamos como referência o que nos disse Sennett (1988) sobre o “declínio do homem público” e como isto repercute no jogo erótico.

A partir daí, propusemo-nos a agrupar as características das subjetividades atuais em dois grandes estilos de ser: apáticos e compulsivos. Terminamos o artigo refletindo sobre a psicanálise frente a essa nova realidade. Ou seja, como ela pode servir de resistência frente ao declínio de um erotismo que poderia ser transformador.

Frente ao percurso efetuado, portanto, poderíamos distinguir o erotismo ao menos por três características: é sexual, envolve criatividade e imaginação e é difuso (inclui um outro, ou, ao menos, uma referência a ele, mas, ao menos inicialmente, sem fronteiras rigidamente estabelecidas). Em outras palavras, entendemos que o erotismo se refere à brincadeira que possibilita a existência de um *self* criativo.

Ainda neste intuito, vale ressaltar que, no último item do artigo, lembramos a possibilidade de hoje o uso erótico do corpo poder, além de ser um fato narcisista, também e por outro lado, ser suporte e instrumento privilegiado para a constituição da subjetividade.

Se o contato com a sexualidade for vivido de forma traumática, o testemunho é fundamental. A partir do testemunho, as experiências sexuais podem ganhar sentido e o sujeito pode se apropriar do que foi vivido de uma maneira mais ativa. Entendemos que, no testemunho, texto e vida se fundem num processo singular e coletivo ao mesmo tempo. Como já afirmou Felman: “testemunhar é, precisamente, engajar-se no processo de reencontrar seu nome próprio, sua assinatura” (Felman, 2000: 64). E o interessante, neste caso, é perceber o quanto a psicanálise pode ser um dispositivo que aciona este testemunho que possibilita a construção de um sujeito.

Cabe aqui, entretanto, um alerta sobre o risco de a psicanálise compactuar com os “reality shows” atuais e seus exibicionismos, no qual se tem que falar e falar, comunicar incansavelmente, num exercício da banalidade. Sem querer cair num pessimismo que desconsidera as possibilidades de criação, mas sendo prudente ou “crítico”, lembro agora de um artigo de Baudrillard (2001) que nos alerta para o espetáculo da mídia. O autor nos chama atenção para a questão de o sexo não ser a verdade última, bem como para a questão de o

corpo ser algo definitivamente enigmático. Mais do que nunca, portanto – e ao contrário do que parece tentar o mundo hoje, onde tudo sofre a exigência de ser visto, onde tudo acaba na visibilidade e no imperativo da experimentação –, o direito à não-comunicação parece precioso.

Pensando na possibilidade de processos abertos de subjetivação, voltemos à psicanálise de Winnicott. Entendemos, a partir de seus textos, que o contato com a sexualidade pode ou não ser traumático. Isto vai depender do rompimento ou não com a continuidade do sentimento de ser. Como diz Winnicott ([1965] 1994), o trauma se refere a um fracasso relativo à dependência.

Com seus textos aprendemos também que o direito à não-comunicação deve ser respeitado. Podemos concluir afirmando que não nos parece que devemos discursar todo o tempo, num excesso de des pudor, sob pena de violar o ser com seus segredos e silêncios. Isto nos alerta para trabalhar, além da narratividade, a sensibilidade. No caso deste último autor, uma sensibilidade criativa. Silêncio aqui diz respeito a uma relação (que envolve erotismo) que é condição de possibilidade da existência de um *self* criativo. Concepção na qual a cultura é continuidade desse processo e não algo a ser imputado a uma interioridade latente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bartucci, G. (2005). Corpos contemporâneos, corpos transgressores: lugar em que outros não estão. *Ide: psicanálise e cultura*, 41, 41-45.
- Bataille, G. (1987). *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM.
- Baudrillard, J. (2001). *Reality shows*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/qtv130620015.htm>>. Acesso em 24/7/2007.
- Felman, S. (2000). Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. Em Nestrovski, A. & Seligmann-Silva, M. (Orgs.). *Catástrofe e representação* (pp. 13-71). São Paulo: Escuta.

- Freud, S. (1905/1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras completas, ESB*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1914/1976). Introdução do narcisismo. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Paz, O. (1994). *A dupla chama*. São Paulo: Siciliano.
- Safatle, V. (2006). *Pós-modernidade: utopia do capitalismo*. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/print/2446.htm>>. Acesso em 24/7/2007.
- Sennett, R. (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Winnicott, D. W. (1958/1983). A capacidade de estar só. Em *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31-37). Rio de Janeiro: Artmed.
- . (1965/1994). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. Em *Explorações psicanalíticas* (pp. 102-115). Porto Alegre: Artes Médicas.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Agradeço a Rogério Luz e Ana Lila Lejarrada as conversas que tivemos a respeito do tema e que me ajudaram na formulação deste artigo.
- <sup>2</sup> A matéria de revista Istoé citada tem o título de *A vida sexual de Catherine M. – francesa desafia tabus ao escancarar suas aventuras libertinas*. Está disponível no endereço: <[http://www.terra.com.br/istoegente/128/divearte/livro\\_vida\\_sexual\\_catherine.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/128/divearte/livro_vida_sexual_catherine.htm)>. Acesso em: 25/7/2007.

Recebido em 24 de maio de 2007

Aceito para publicação em 12 de junho de 2007